

## **Audiovisual: preservação da memória e construção de uma identidade escolar solidária – enchentes no Rio Grande do Sul/Brasil (abril e maio de 2024)**

**Audiovisual: preservación de la memoria y construcción de una identidad escolar solidaria - inundaciones en Rio Grande do Sul/Brasil (abril y mayo de 2024)**

Elisangela Cândido da Silva Dewes\*  
José Edimar de Souza\*\*

**Resumo:** Este estudo que tem o aporte na História Cultural é um desdobramento de uma pesquisa sobre a História das Instituições Escolares impactadas com as enchentes no Estado do Rio Grande do Sul, no ano de 2024. Como objeto, registros produzidos em audiovisual das experiências solidárias vividas pela comunidade. O objetivo é compreender como audiovisuais produzidos durante esse período, podem ser potenciais meios para preservar as memórias das instituições e reverberar exemplos para uma educação solidária. O percurso metodológico é fundamentado na análise de documentos do tipo audiovisual. Como resultados, compreendemos que esses recursos amplificam representações de práticas solidárias, colaborando no fortalecimento de uma identidade para as instituições e do sentimento de pertencimento entre os agentes da escola; também mostrou um potencial educativo por difundir as memórias das experiências dessas práticas para além do tempo da catástrofe.

**Palavras-chave:** Audiovisual. Instituições Escolares. Enchentes no Rio Grande do Sul.

**Resumen:** Este estudio, que tiene un aporte a la Historia Cultural, es fruto de una investigación sobre la Historia de las Instituciones Escolares impactadas por las inundaciones en el Estado de Rio Grande do Sul, en el año 2024. Como objeto, se

---

\* Mestra e Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul. Bolsista PROSUC/CAPES. Pós-Doutorado (em andamento) – PPGEDU UCS (bolsa de pesquisa FAPERS). Especialista em Cultura Organizacional e Comunicação. Graduada em Comunicação Social.

\*\* Graduado em História, Pedagogia, Geografia e Biblioteconomia, Mestre e Doutor em Educação (UNISINOS). Professor e pesquisador dos Programas de Pós-Graduação em História e em Educação, bem como coordenador do Curso de Geografia/PARFOR na Universidade de Caxias do Sul (UCS).

producen registros audiovisuales de las experiencias solidarias vividas por la comunidad. El objetivo es comprender cómo los audiovisuales producidos durante este período pueden ser medios potenciales para preservar la memoria de las instituciones y ejemplos resonantes de educación solidaria. El camino metodológico se basa en el análisis de documentos audiovisuales. Como resultado, entendemos que estos recursos amplifican las representaciones de prácticas solidarias, ayudando a fortalecer una identidad para las instituciones y un sentido de pertenencia entre los agentes escolares; también mostró potencial educativo al difundir recuerdos de las experiencias de estas prácticas más allá del tiempo de la catástrofe.

**Palabras clave:** Audiovisuales. Instituciones Escolares. Inundaciones en Rio Grande do Sul.

### **Palavras Iniciais**

Em tempos de catástrofes climáticas, como as que ocorreram em diferentes regiões do Rio Grande do Sul - Brasil, de abril a maio de 2024, em que o volume de chuvas e as cheias devastaram cidades inteiras, causando impactos em diferentes dimensões da vida das pessoas, a solidariedade se constituiu em força de resistência. Uma solidariedade que foi mobilizada por um sentimento de empatia pela dor do outro, conhecido ou estranho, diante de perdas que não foram somente materiais, mas que impactaram em uma dinâmica social e emocional.

A título de contextualização, o Rio Grande do Sul é um estado brasileiro, localizado no extremo sul do país, constitui-se por 497 municípios e possui uma área total de 281.707,15 quilômetros quadrados e uma população de mais de 10 milhões de habitantes (é o sexto estado com maior população no Brasil). Uma população que mostra uma diversidade étnica com descendentes de povos como: indígenas, negros e europeus; essa característica multicultural do povo é refletida na diversidade cultural e na paisagem. Com um clima temperado do tipo subtropical – no verão apresenta temperaturas elevadas, enquanto no inverno há uma presença predominante de baixas temperaturas. O Estado apresentava bons índices de qualidade de vida, como a baixa classificação de mortalidade infantil e uma taxa de alfabetização superior a 90% (Atlas socioeconômico, 2022).

Esse contexto foi representativamente afetado, após a catástrofe climática, os impactos não podem ser contabilizados somente em curto prazo, uma vez que diferentes áreas foram prejudicadas com o ocorrido, e que ainda reverberam de forma significativa sobre um cenário social. Diante de uma paisagem caótica que foi instaurada, as instituições escolares também foram impactadas; algumas, materialmente e estruturalmente, com prédios, equipamentos e documentos de uma memória danificados ou perdidos; outras, porque precisaram se reconfigurar para atender as mais diferentes demandas de suas comunidades, como por exemplo, para acolher os desabrigados. Houve, ainda, escolas que não foram diretamente afetadas, tampouco suas comunidades foram as mais impactadas com a catástrofe, mas o sentimento de empatia pela situação vivida por muitos gaúchos foi força impulsora para a mobilização de uma infinidade de ações e práticas solidárias. Práticas essas com poder educativo, com o “poder de transformar a realidade” porque transformam a esperança em “concretude histórica” (Freire, 1994).

As memórias coletivas produzidas pelas ações empreendidas no interior dessas instituições educativas, podem ser colocadas em uma dimensão do que Freire (1994) concebeu sobre os “inéditos-viáveis” - de uma inventividade para a colaboração, para o cuidado, de ação em prol do outro, que ganham um outro propósito: de resistência e pertencimento, quando preservadas e continuam a ecoar; de educação solidária, quando têm a capacidade de inspirar outras pessoas a agir, a pensar diferente, a trabalhar para a coletividade. A esperança ganha uma concretude em práticas transformadoras, as ações registradas de uma mobilização coletiva no interior da escola, podem ser testemunhos dessa educação que transforma o sujeito e que ressignifica os espaços da escola para o bem-comum. Práticas que parecem se distanciar de um certo cotidiano pedagógico, construído a partir de uma organização curricular, de planos de aula e conteúdos, mas que ao contrário disso, carregam consigo um enorme potencial educativo.

Tendo em vista esse contexto, este estudo tem como objetivo analisar e compreender como os registros audiovisuais, publicados em redes sociais, de ações mobilizadas por instituições educativas, durante o período das enchentes no RS, entre os meses de abril e maio de 2024, contribuíram para a preservação de memórias dessas instituições. Buscando, ainda, entendimentos sobre como essas

memórias, ao serem compartilhadas e amplificadas, podem reverberar sobre a identidade escolar para fortalecer uma educação pautada em valores solidários e colaborativos.

Este estudo é um desdobramento de uma investigação mais ampliada, e que se desenvolve junto a instituições de ensino em diferentes regiões do Estado do RS, especialmente entre as públicas, e que tem como proponente um dos autores do estudo, um projeto financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS).

Desenvolvemos esta investigação na perspectiva da História Cultural, mas, próximos e em diálogo com conceitos desenvolvidos em uma visão de educação como prática de liberdade, como antecipamos anteriormente, um aporte representativo diante do contexto do estudo.

Sob o prisma da História Cultural buscamos compreensões acerca da memória, como a que propôs Candau (2012, p.9) quando defende que “[...] a memória é, acima de tudo, uma reconstrução continuamente atualizada do passado, mais do que uma reconstituição fiel do mesmo [...].” Nesse sentido, compreendemos que a memória que ecoa por meio dos recursos em audiovisual contribui para que os sujeitos possam assimilar e compreender perenemente o mundo, e para que eles possam exteriorizar suas intenções, dar sentido a esse mundo. Porque “sem memória o sujeito se esvazia, vive unicamente o momento presente, perde suas capacidades conceituais e cognitivas. Sua identidade desaparece [...]” (Candau, 2012, p. 60).

Olhamos aqui também para a memória como “elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si”; ou seja, de uma reconfiguração dos sujeitos a partir do outro, de um processo que envolve aspectos como referência, aceitação, credibilidade e negociação (Pollak, 1992, p. 204).

Desse modo, neste estudo, os registros em audiovisual são tidos como ferramentas para a preservação e para trazer à luz memórias daqueles que viveram essa experiência solidária e educativa, funcionando como um meio para reverberar sentimentos, dar voz aos sujeitos, fortalecer uma identidade das instituições escolares que colabora para a consolidação de uma história de práticas educativas solidárias.

Em contextos de catástrofes “a narrativa audiovisual oferece um amplo campo de possibilidades ao apresentar um universo semântico de experiências [...] permite afirmar que essa memória é socialmente construída [...] suscita novas ações por parte da comunidade” (Maia; Andrade, 2016 p. 15).

Nesse sentido, trabalhamos a reflexão de que os registros em audiovisual, produzidos a partir das vivências de comunidades escolares do Rio Grande do Sul durante os episódios das enchentes do ano 2024, são documentos pedagógicos vivos, preservam o compromisso com o outro e convocam os seus expectadores a reproduzirem práticas de comprometimento social, podendo servir como recursos para uma formação integral dentro e fora da escola – formando para uma vida consciente em sociedade, para o afeto, para ações colaborativas, etc.

Nossa crença, assim como a de Escolano Benito (2021), é a de que especificidades do cotidiano na escola permanecem “codificadas” nas imagens que marcam identidades como a de alunos, professores, pais; movimentos coreográficos dos grupos, seja entre os de idades semelhantes, ou em intercâmbio como entre alunos e professores; o cotidiano escolar com suas práticas e rituais relacionados à formação, mas também em sintonia com os processos de mudanças: “Todos esses registros visuais, que mostram também gestos e atitudes emocionais, são representações que, além dos textos narrativos e escritas, podem se constituir em fontes para as etnografias históricas acerca da escola (Escolano Benito, 2021, p. 64).

Nessa perspectiva, Smit (2022) situa o audiovisual como um documento, e é nessa condição que trabalharemos a partir desses registros de uma história escolar; mas, para além disso, colocando-os em uma perspectiva de instituição-memória, porque ao dotá-lo de um *status* de institucionalizado, esse material conquista uma espécie de “selo de qualidade”:

Os documentos audiovisuais, caros em sua preservação, desde que organizados, transmitem informações sobre o momento de sua produção e sobre o que mostram ou dão a ouvir, mas a sua utilização dependerá em boa medida tanto da organização feita, com respectivas nomeações, como dos objetivos e repertórios particulares de quem busca por eles. Ou seja, estes documentos, desde que organizados, podem provocar um processo pelo qual eles são novamente trazidos ao presente, criando uma nova narrativa no presente [...] (Smit, 2022, 51).

Destacamos, ainda, algumas particularidades do percurso metodológico desenvolvido, amparado na análise documental, de modo particular sobre o tipo de fonte audiovisual. Acreditamos que “a análise das imagens difundidas pela televisão [...] deve ser complementada pelo estudo daquilo que o consumidor cultural ‘fábrica’ [...] com essas imagens”; no contexto desse estudo, as imagens propagadas pelo audiovisual para uma construção mais qualificada, na proposta de incentivar novas práticas, outras condutas (Certeau, 2009, p. 38).

Para tanto, trabalhamos com escolhas como propôs Rose (2002) em seu estudo, delimitações construídas a partir de nossas concepções teóricas. Realizamos a seleção de alguns materiais produzidos por instituições educativas, que rememoram as experiências de uma educação solidária experimentada durante o recorte da enchente no RS, documentos que ganharam projeção por intermédio do YouTube.

Entre os materiais selecionados, um vídeo produzido pelo Colégio Farroupilha de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, publicado no canal do YouTube “soufarroupilha”, um material com uma duração de mais de 30 minutos, lançado no final de dezembro de 2024, que apresenta um compilado de depoimentos de diferentes pessoas da comunidade escolar que atuaram como voluntários em atividades organizadas no interior da escola. A descrição desse documento apresenta a seguinte argumentação:

Documentar é mais do que apenas registrar imagens ou contar histórias, é dar voz a momentos importantes e preservar a memória de ações transformadoras. Durante as enchentes deste ano, o Colégio Farroupilha atuou como um centro de donativos que, com a força da nossa comunidade escolar, fez com que ajuda chegassem a quem mais precisava naquele momento. Para não esquecermos o que passamos, como nos unimos e fortalecemos, lançamos o documentário “Enchente de 2024: Uma lição de solidariedade”. São depoimentos de alguns representantes da comunidade escolar que atuaram de forma incansável, retratando a força da família Farroupilha [...] Mostramos que juntos somos mais fortes! (Sou farroupilha, 2024, n.p.).

A descrição do documentário “Enchente de 2024: Uma lição de solidariedade” foi um dos elementos que destacamos para essa escolha, pela presença de termos que remetem a ideia de memória e, igualmente, pela importância dada a experiência colaborativa como um elemento de união e de fortalecimento dos laços.

Posteriormente, as imagens que integram o documentário reforçam essas ideias, bem como pela variedade de depoimentos de diferentes pessoas da comunidade escolar.

Esse texto antecipa alguns elementos que contribuem para as reflexões sobre a produção audiovisual como meio de preservar a memória e para fortalecer uma identidade escolar. Ao afirmar que “documentar é mais do que apenas registrar imagens ou contar histórias, é dar voz a momentos importantes e preservar a memória de ações transformadoras”, exibe o entendimento de que esse material servirá como documento histórico para a instituição. Demonstrando o interesse e uma organização para que esses acontecimentos que se entrecruzam com a trajetória da escola, sejam preservados para a construção de uma memória institucional e coletiva.

A escolha do termo “lição de solidariedade” como título do documentário destaca a dimensão pedagógica do audiovisual, porque associa a solidariedade ao conteúdo do filme, mas também, dialoga com a ideia de método de aprendizagem. Outro elemento significativo é a frase de fechamento da descrição: “Mostramos que juntos somos mais fortes!”, que sintetiza a mensagem, reforçando a ideia da força do coletivo diante de uma situação adversa. Reforçando o potencial do recurso de potencializar uma identidade institucional e multiplicar exemplos que sirvam de inspiração para outras gerações da escola e/ou para a comunidade.

O outro documento em audiovisual selecionado, foi um filme também produzido pela mesma instituição, no entanto, nesse caso, o audiovisual não pode ser concebido como um documentário; mas continua sendo um documento para refletirmos sobre um recorte da história do Colégio. Esse material publiciza e documenta uma espécie de prestação de contas, de campanha realizada para a coleta de donativos que foram destinados aos atingidos pela enchente. O audiovisual também foi publicado no canal do YouTube “soufarroupilha”, no final de dezembro de 2024. Ele traz depoimentos, representativamente, de pessoas atendidas pelas ações solidárias; e, é a presença das memórias dos sujeitos que estiveram em uma outra perspectiva das ações promovidas que nos mobilizaram a escolher o material.

Reforçamos, ainda, que essas escolhas estiveram pautadas no fator disponibilidade de acesso, qualidade das produções, entidade produtora e intencionalidade. As nossas buscas foram organizadas a partir da plataforma do

YouTube, fundamentadas no uso articulado dos descritores: “enchente”; “Rio Grande do Sul”; “2024”; “solidariedade”; “escola”. A partir desse processo, chegou-se a um número pouco expressivo de documentos em audiovisual que pudessem ser associados ao formato documentário. Um número significativo de materiais em vídeo que emergem dessa plataforma, parecem ter sido republicados a partir de outras redes sociais, pelo formato dos materiais na vertical. São trechos curtos, pouco elaborados, que apresentam pequenos excertos de ações ou registros dos impactos nas instituições escolares.

Compreendemos que esse olhar sobre um tipo de audiovisual, mais elaborado, é um limitador; pois, incorre sobre uma disponibilidade de recursos técnicos. Mas, reforçamos novamente que, para este estudo, nossas escolhas estão também fundamentadas no fator “intencionalidade”, o que está significativamente associado a esse empreendimento sobre a parte técnica das produções.

Além dos filmes produzidos pelo Colégio Farroupilha, um outro documento que emergiu foi uma produção para o Sindicato do Ensino Privado do RS, intitulado “Além das Águas: a força da foi feita com a publicação de um trailer, e apresenta diferentes depoimentos, de gestores do ensino privado, imagens de alunos em ações solidárias; e, é descrito como “um registro emocionante de resiliência, solidariedade e amor” (Instagram SinepRS, 2024, n.p.). No entanto, não se localizou o documentário na íntegra, em nenhum dos links disponíveis na divulgação. Nesse sentido, não foi possível, no momento da escrita deste estudo, incluir a análise desse documento.

Uma outra produção foi disponibilizada pela Instituição Unilasalle – Alimentação no Abrigo – Enchente / RS. É um audiovisual que traz a narrativa de uma profissional da área de nutrição que trabalhou em uma cozinha solidária organizada pela Universidade. Porém, como o material é produzido sobre o depoimento dessa única pessoa, optou-se por deixá-lo de fora, entendendo-se que a construção da narrativa, a partir de apenas um depoimento, apresentava um número restrito de variáveis que dialogavam com os temas tangenciados pelo estudo.

Ainda, chegou-se ao filme intitulado “Tudo que você podia ser” - Uma história da Escola periférica Pós-Enchente”. Um audiovisual produzido pelo aluno da Faculdade Mário Quintana, produto da disciplina de extensão em Psicologia Escolar e Educacional, que apresenta uma versão da história da Escola de Ensino Fundamental

Danilo Antônio Zaffari, da zona norte de Porto Alegre, uma escola pública, de área periférica, atingida pela enchente. O filme apresenta qualidade técnica, é enquadrado como do tipo documentário, pela construção da narrativa. No entanto, ele foi descartado porque apresenta uma escassez de testemunhos e, por isso, demonstra uma limitação nessa reconstrução da memória institucional, em virtude das poucas perspectivas de memória contribuindo para a narrativa. Bem como, porque esse material apresenta outros pontos de análise, que não são foco desta investigação; uma vez que a Instituição também foi uma das que teve impactos em sua estrutura durante a enchente.

Depois dessa etapa de escolhas dos documentos em audiovisual que seriam utilizados como objetos e fontes, partimos para o estágio de compreender os caminhos para a análise desses documentos, definimos que olharíamos para duas perspectivas a “visual” e a “verbal”; e que realizaríamos a transcrição dos dados

dessas análises em uma tabela organizada no Microsoft Excel (figura 1):

Figura 1 – Modelo de Organização da análise dos elementos do audiovisual

Audiovisual	Escola	Tempo do Vídeo	Som	Narrativa	Imagem	Análise
Enchente de 2024 - Uma lição de solidariedade	Farroupilha - POA	0:41 - 1:09	Inicia como trilha o hino do Rio Grande do Sul (instrumental)		Diferentes imagens de Porto Alegre alagada, pontos turísticos, imagens aéreas são apresentadas em preto e branco	O hino do Rio Grande do Sul não somente é um símbolo do gaúcho, mas é um elemento que congrega todos os gaúchos, de diferentes regiões, condições sociais, é um elo identitário, transformando os diferentes grupos que vivem no Estado em um só. A letra não somente exalta a força, o espírito de luta dos gaúchos. As imagens em preto e branco, ressaltam o período de luto em que toda a população impactada ou não pela enchente, se encontra, consternados pela situação.
Enchente de 2024 - Uma lição de solidariedade	Farroupilha - POA	01:09:00 - 1:33	Trilha o hino do Rio Grande do Sul (instrumental)		Imagem volta a ser colorida, de cima de um barco que atravessa uma rua alagada corta para cenas de um espaço de doação abarrotado de bens - alimentos, roupas de cama, a imagem fica mais aberta e evidencia que esse espaço é na verdade um ginásio.	A retomada da cor está associada a ação mobilizada, a solidariedade.
Enchente de 2024 - Uma lição de solidariedade	Farroupilha - POA	01:33:00 - 1:58	Narrativa	No sábado pela manhã, quando nós chegamos aqui na escola já tínhamos muitas doações de roupa, enfim. Só que as informações que nós já tínhamos já na sexta à tarde, e no sábado, não era só da enchente do Vale do Taquari, era da enchente na região metropolitana, e pegando, atingindo pessoas da nossa comunidade escolar, atingindo pessoas muito próximas.	Inicia um depoimento da Diretora da Escola - imagens dela em espaço da instituição em segundo plano.	A imagem fechada, reforça a importância do depoimento, que inicia uma contextualização da situação vivida.

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Essa análise foi realizada com o cotejamento dos diferentes elementos utilizados nos excertos de cenas destacados, por exemplo, o tipo de trilha, especificidades das imagens, transcrição das narrativas, dos trechos selecionadas.

Os materiais, enquadrados na categoria de documentário, evidenciam, de certo modo, os aspectos defendidos por Morettin (2012, p. 31) quando analisa esse tipo de filme, compreendendo que são criados pela sociedade como uma forma de constituir uma “memória de si” e garantir “para as gerações futuras [...] a efetividade da construção simbólica que faz do tema e a permanência de sua imagem [...] [que as] obras constituem [como] um esforço de monumentalização do passado [...].”

Esse gênero envolve uma produção que é não-ficcional, e apesar desses materiais terem sido produzidos em um momento posterior ao período da experiência de mobilização pela enchente, particularmente, no que se refere a coleta dos depoimentos; as narrativas rememoram os dias que foram vividos; algumas imagens que ilustram os depoimentos foram captadas de forma “artesanal” pelos envolvidos, durante o episódio, atestando as ações que compuseram aqueles momentos pela presença da câmara e das diferentes tomadas que marcam o transcorrer da situação. O entendimento de que haja uma intencionalidade com essas produções é reforçado na construção e sobreposição de imagens aos depoimentos, o que fortalece a ideia de que elas são “o processo de produção de uma nova realidade” (Brenner; Carrano (2024, p. 7-8) que articula as percepções dos sujeitos envolvidos em sua criação, daqueles que comandaram as câmeras durante os registros e daqueles que criaram a narrativa do filme.

## **Contexto de Catástrofe Climática no Rio Grande do Sul**

Antes de seguirmos, ainda entendemos ser representativo contextualizar esse episódio que marcou a história dessas Instituições, na verdade, que marcou a história do Rio Grande do Sul. Para esclarecer brevemente o cenário, temos como recorte o período entre abril e maio de 2024, quando o estado do Rio Grande do Sul sofreu impactos em diferentes áreas em virtude das chuvas e cheias extremas.

As severas precipitações de chuva, nesse período, tiveram influência do El Niño, que impactou para o grande volume e intensidade de chuvas, superando 500mm em duas semanas em grande parte do estado, e em algumas regiões chegando a 1.000 mm. Um significativo volume em um pequeno período, que repercutiu para a subida do nível de rios e o movimento de terra em diferentes

localidades do Estado, como na serra gaúcha, no Vale do Rio dos Sinos e na região metropolitana. Os grandes deslizamentos de terra, as cheias e as inundações resultaram em prejuízos econômicos, em óbitos e desaparecimento de pessoas, graves danos ao meio-ambiente e fizeram emergir diversos problemas sociais (Fonseca et al., 2024).

O Decreto nº 57.626, de 21 de maio de 2024, publicado pelo governo do estado do RS, dá uma ideia sobre a dimensão da catástrofe: foram 78 municípios em estado de calamidade pública; 340, em situação de emergência. Regiões como a do Vale do Taquari, Vale do Rio dos Sinos, Metropolitana de Porto Alegre e Serra Gaúcha foram algumas das que sofreram consequências em diferentes áreas, de modo particular, na educação (Peres, 2024).

A Manchete da Revista Exame (Figura 2) ilustra e apresenta números que foram contabilizados pela Defesa Civil ainda nos primeiros dias dessa catástrofe na região sul do Brasil, no dia 19 de maio, foram registradas 155 mortes; 94 pessoas desaparecidas, 806 pessoas feridas, e mais de 2,3 milhões de afetadas. Em 463municípios do Estado do Rio Grande do Sul, na data da notícia, foram registradas 76.955 pessoas acolhidas em abrigos; 540.626 desalojados; 82.666 pessoas e 12.215 animais resgatadas de localidades submersas e em situação de risco à vida.

Figura 2 – Capa do Site da Revista Exame



Fonte: Site Revista Exame, capa (2024).

As localidades situadas em territórios banhadas pelos rios das Antas, Taquari e Caí, foram as primeiras impactadas, várias cidades arrasadas pela enchente que destruiu patrimônios materiais e deixou marcas psicológicas pelo trauma da perda e pela experiência de ter que fugir ou ser resgatado de áreas inundadas, isso com a ajuda de forças de segurança e unidades de resgate; além da atuação de diversos civis atuando para salvar vidas (A força que ..., 2024).

Curiosamente, a educação, que é amplamente defendida como uma área fundamental para políticas de conscientização e transformação de atitudes e ações preventivas para a preservação do meio ambiente e o combate às mudanças climáticas, foi duramente afetada. Escolas foram alagadas, suas infraestruturas essenciais para o funcionamento foram destruídas; houve o comprometimento do

ambiente escolar, no caso das escolas estruturalmente impactadas; mas também da rotina educacional em outras circunstâncias que envolveram a dificuldade ou incapacidade de acesso em virtude da destruição de estradas, pontes e vias; e/ou de uma reconfiguração das instituições de ensino para funcionarem provisoriamente como abrigos e pontos de apoio para as comunidades afetadas e pessoas desalojadas.

Os números divulgados pela defesa civil, no período crítico, são um recorte da catástrofe, em que 976 escolas estaduais foram impactadas e 338.744 estudantes, cerca da metade dos alunos da rede estadual; e outras 843 instituições de ensino da rede municipal de ensino também foram afetadas (Peres, 2024).

Algumas dificuldades que já existiam entre as instituições da rede pública de ensino foram ampliadas com a enchente, o depoimento de um diretor de escola estadual para um meio de imprensa, exemplifica o sentimento entre os dirigentes das instituições, ao comparar essa catástrofe com o período de pandemia do Coronavírus, e que de forma semelhante, os alunos, no retorno à escola, terão questões de defasagem de ensino, mas especialmente, retornarão com aspectos emocionais a serem trabalhados: “São aspectos anteriores à questão do conteúdo e que, quando tiver esse retorno, vão precisar ser muito bem trabalhados, para só depois retomar questões de conteúdo e revisões” (Rodrigues, 2024, n.p.). Assim como na escola de Rodrigues, em outras instituições públicas a realidade também é de famílias em situações precarizadas, que necessitaram de ajuda financeira para reconstruir suas vidas, e de atendimento a outras questões sociais e psicológicas.

As escolas públicas também viveram a prática educativa de solidariedade, aliás, é possível afirmar pelos dados divulgados, que foram representativamente nas escolas públicas, municipais e estaduais, que um número significativo de pessoas atingidas pelas enchentes, procuraram abrigo, encontram um lar provisório, alimento, apoio psicológico, físico e um afeto precioso para resgatarem sua dignidade e a esperança para reconstruir. Essas ações foram de forma singular registradas por meios de imprensa. Mas, como já mencionamos, os registros desses feitos pelas escolas são escassos e, para os elementos de análise desejados para este empreendimento, que associam a produção dos filmes às instituições de ensino, não localizamos documentos que pudesse se enquadrar nas delimitações de análise.

Essa é uma outra perspectiva de análise e, sem sombra de dúvidas, é rica de subsídios acerca da História das Instituições Escolares, por isso, é digna de um trabalho aprofundado, o que temos a projeção de realizar futuramente. Na próxima seção, apresentaremos algumas análises dos documentos em audiovisual acessados e reflexões acerca das repercussões desse contexto de catástrofe para a memória e identidades das instituições.

### **Memórias em registros de imagem para a consolidação de uma identidade solidária**

Ambos os filmes selecionados são do Colégio Farroupilha de Porto Alegre (uma instituição particular, fundada em 1886, pela Associação Beneficente e Educacional (ABE), entidade que é mantenedora da instituição até os dias atuais). O primeiro filme, intitulado como “Enchente de 2024 – Uma lição de solidariedade” apresenta já no título a intenção de destacar a essência das experiências vividas pelos alunos durante o ocorrido no Estado do RS em 2024, ressaltando o valor central que emergiu desse momento: a solidariedade. O termo lição denuncia que houve o entendimento de que, para além de impactar a vida da comunidade prestando um auxílio importante durante a tragédia, a experiência vivida por alunos, professores, profissionais e familiares, foi de aprendizado, de transformação e de integração de valores como cooperação, empatia e ajuda – o que também emerge em diferentes trechos, durante o depoimento dos envolvidos. A palavra solidariedade traz à tona a ideia de união, de apoio, e é também reforçada pelas narrativas e imagens dos voluntários trabalhando em coletividade. Essa, talvez, seja uma representação dos princípios e valores deendidos pela instituição desde a sua fundação, já que ela foi uma entidade que trabalhou para a acolhida e em benefício dos imigrantes alemães que chegaram no Estado no final do século XIX, fortalecendo essa identidade de ajuda ao próximo.

O filme foi construído a partir da narrativa de diferentes integrantes da comunidade escolar, uma forma de valorizar e preservar as memórias das várias experiências e aprendizagens com a situação, apresentando a perspectiva da enchente sobre diferentes olhares e as percepções produzidas sob óticas distintas possibilitadas

pelos vários papéis ocupados (pais, professores, alunos, direção, profissionais) e de outros que foram assumidos com o trabalho voluntário. Como indica o depoimento da Diretora da Instituição: “Quando os pais começaram a chegar no colégio, eles estacionaram vários carros aqui na frente [...] Uma força muito grande dos pais, ex-alunos [...] Nós conseguimos de fato reunir essa família Farroupilha” (Ferri, 2014, n.p.).

Reforça o sentido de pertencimento, a relação família e escola, e a importância dessas experiências coletivas e inclusivas no processo de aprendizagem e na superação de desafios. Nesse sentido, além de ser um meio de registrar esse episódio, demarcando-o na história da Instituição, a construção do filme demonstra o seu potencial em se tornar uma ferramenta que faz reverberar um momento de aprendizagem colaborativa.

A identificação da instituição com o contexto sociocultural e a construção de um sentimento de pertencimento são evidenciadas já nos minutos iniciais do documentário, quando se opta pela execução do hino do Rio Grande do Sul. Esse recurso simbólico, longe de ser meramente estético, atua como um potente marcador identitário. O hino, enquanto símbolo regional, evoca a memória coletiva do povo gaúcho, reforçando valores como coragem, resistência e união — elementos historicamente associados à narrativa de luta do estado. A escolha dessa trilha sonora na abertura do filme tem, portanto, uma função estratégica: insere a ação solidária da escola em uma tradição regional de superação diante da adversidade, vinculando a resposta educativa à tragédia climática a um *ethos* cultural já consolidado.

O hino também funciona como elemento agregador, capaz de fortalecer os laços comunitários ao ativar um sentimento compartilhado de pertencimento e orgulho. Conforme aponta Pollak (1992), a identidade coletiva se sustenta na evocação de memórias comuns, e são justamente os símbolos — como músicas, rituais e imagens — que funcionam como dispositivos de convocação dessa memória. Nesse sentido, ao iniciar o documentário com um símbolo que transcende a instituição e convoca a identidade regional, o Colégio Farroupilha se insere em uma narrativa maior: a da reconstrução do Rio Grande do Sul por meio da força de sua gente e do papel transformador da educação.

Todos esses elementos reforçam o papel e o compromisso da Instituição com a comunidade, com o engajamento diante de um trecho doloroso, mas que evidencia a coragem e a resistência do povo gaúcho, conecta os expectadores com elementos que mobilizam sentimentos e emocionam.

As imagens em preto e branco utilizadas na abertura do documentário não são escolhas neutras; ao contrário, carregam uma forte carga simbólica que contribui para a construção narrativa e emocional do filme. Nesse contexto, funcionam como recursos para dar a ideia de luto coletivo, uma experiência vivida durante as enchentes de 2024, evoca, ainda, sentimentos de perda, vulnerabilidade e memória. A ausência de cor está em consonância com um período da normalidade que foi afetado, um tempo de dor de toda a sociedade gaúcha. Uma linguagem visual que sensibiliza e convida à empatia e à reflexão diante da magnitude da tragédia.

Esse recurso é ainda mais expressivo quando utilizado por uma instituição que, embora aparentemente não tenha sido estruturalmente impactada pela enchente, como é o caso do Colégio Farroupilha, se reconhece afetada pelo sofrimento coletivo. A dor do outro, neste caso, é assumida como também sua. Em outras palavras, o luto é aqui compartilhado, o que revela uma dimensão ética da solidariedade que vai além do assistencialismo: ela é gesto de reconhecimento e de co-participação no sofrimento alheio.

Essa dimensão é analisada por Torres (2023), quando ele concebe a educação em uma dimensão de solidariedade global, com estabelecimento de compromissos para o bem da coletividade, em que sejam estabelecidas conexões em um panorama de “cidadania multicultural democrática”, colaborando para o desenvolvimento de habilidades e do desejo de trabalhar em meio às diferenças, sejam elas culturais ou sociais – esse seriam um caminho para a solidariedade e para a constituição da cidadania, mobilizando intenções ou disposições educativas que nos parecem ser reforçadas pelos recursos estéticos utilizados.

O filme se desenvolve sobre narrativas que valorizam o trabalho coletivo, utilizando o exemplo da prática solidária dos jovens alunos como exemplo de condutas que podem fazer a diferença na constituição cidadã desses estudantes. Exemplificam essas condutas, as imagens dos alunos em ação, uma representação do

trabalho coletivo, da união e também da conciliação das diferenças para o bem-comum, o que pode ser observado na figura 2:

**Figura 2 – Imagens retiradas do audiovisual Enchente de 2024 - Uma lição de solidariedade**



Fonte: YouTube Sou Farroupilha (2024).

Essas experiências vividas são acomodadas como aprendizados, uma apropriação de um novo modo de pensar e de agir, interações entre os sujeitos, com a escola e com o contexto de crise que ajudam a construir uma

una historia holística de la educación [...] las prácticas empíricas que ponen en acción, su ubicación en los espacios institucionales y la imbricación de todas estas mediaciones en la estructuración de la tecnología de la enseñanza como modo de producción (Escolano Benito, 2018, p. 17).

As imagens são fortalecidas pelos depoimentos dos diferentes membros da comunidade, que ajudam na compreensão sobre como os alunos perceberam a mudança no espaço escolar, foram sensibilizados pela situação, ressignificaram a sua rotina escolar e deram um novo sentido para aquele espaço, adaptando-o e flexibilizando as suas práticas para ajudar, o que é expresso na narrativa de um dos alunos: “Primeiro é um choque, porque eu saí do colégio pela última vez e era um cenário [...] das crianças correndo e pessoas em aula [...] Agora [...] chega ser extraordinário, assim, a organização que estava dentro do colégio... (Azevedo, 2024, n.p.).

Outros depoimentos apresentam o aspecto dos sentimentos produzidos no espaço escolar, como é expresso por Shen (2024, n.p.):

“Veio o sentimento de alegria, de poder ver o colégio que eu cresci estudando aqui, conseguir ajudar a população daqui do Rio Grande do Sul de forma geral [...] veio com bastante alegria, de ver meus amigos, meus professores, os monitores aqui do colégio, todo mundo reunido, tudo voluntário, ninguém estava obrigado aqui, só para ajudar a população”

Narrativa que evidencia o modo como a escola, seus espaços, as relações construídas em seu interior e as práticas ali desenvolvidas podem ser produtoras de sentimentos e emoções, como defende Escolano Benito (2021).

Além disso, é possível, comparar esse tipo de material em audiovisual, com os manuais escolares, como analisou o mesmo teórico, e que visavam construir uma identidade e fortalecer valores entre os estudantes, motivando-os com exemplos de condutas a serem reproduzidas (Escolano Benito, 2021).

O filme é muito bem construído, com uma diversidade de depoimentos, de pessoas que ocupam diferentes papéis na comunidade escolar, valorizando e visibilizando esses sujeitos com a mesma representatividade. As imagens das interações no ambiente escolar, não somente ratificam as narrativas, mas também ilustram e dão um ar de “veracidade” porque foram captadas no tempo em que a mobilização foi realizada – um registro quase “artesanal” por não ter sido captado por “lentes” profissionais. O filme coopera para consolidar as representações e para a construção de sentido, a partir da problematização sobre a produção e reprodução social (Souza, 2007).

O segundo audiovisual, produzido pela mesma instituição, com o título “Campanha Farroupilha Ajuda”, consiste de um material mais curto, que não enquadrados como documentário. Um audiovisual organizado com o intuito de servir como uma prestação de contas à sociedade. Um documento que traz subsídios importantes para a reflexão sobre o primeiro material produzido pela mesma Instituição, porque tem a pretensão de apresentar uma perspectiva diferente da proposta do primeiro, por meio do depoimento de pessoas que foram atendidas pela campanha, com isso, consolidar a imagem e a narrativa construída anteriormente.

O segundo audiovisual analisado é estruturado a partir da iniciativa de arrecadação de recursos financeiros destinados a profissionais da educação básica que tiveram suas residências severamente afetadas pelas enchentes, abrangendo municípios como Porto Alegre, Canoas, São Leopoldo, Eldorado do Sul, Novo Hamburgo, Cachoeirinha, Guaíba e Triunfo. Logo na abertura do vídeo, a voz da gestora da instituição realiza uma breve retrospectiva do desastre climático, contextualizando a dimensão da tragédia vivida pelo estado. Em seguida, reafirma o compromisso institucional diante da crise, destacando o papel da escola como agente ativo na rede de apoio educacional e social. Ao valorizar a participação de diferentes sujeitos do cotidiano escolar — docentes, famílias, estudantes e equipe técnica — a narrativa reforça uma concepção de educação ampliada, que ultrapassa os muros da escola e se projeta para a coletividade. Trata-se de uma produção que reafirma o enraizamento da instituição em seu território e o reconhecimento de sua responsabilidade social em momentos de emergência humanitária.

O filme tem a intenção de ratificar o compromisso da instituição com o bem-estar da comunidade e com as pessoas que doaram para as suas iniciativas. Para tanto, utiliza o depoimento de sujeitos que foram beneficiados com a campanha como exemplifica os testemunhos: “No começo eu não acreditei. Eu esperei, esperei e graças a Deus chegou [...] Fico muito feliz de ter recebido (Nunes, 2024, n.p.). “A gente perdeu praticamente tudo. A água quase tampou toda a casa. Chegou até o telhado. Minha mãe, meu irmão, minha vó, meus tios, todos saíram de barco” (Nunes, 2024, n.p.). “Gratidão a Deus, gratidão a minha família por me apoiar em todas as etapas, gratidão a vocês por esse olhar” (Oliveira, 2024, n.p.).

As imagens que registram a entrega de bens diretamente nas residências das pessoas afetadas pela enchente reforçam visualmente o compromisso social assumido pela instituição. Essa dimensão de cuidado e presença concreta junto às comunidades impactadas é corroborada pelo depoimento de uma profissional que integrou o Comitê de Crise e atua no setor de Controladoria da escola. Em sua fala, ela detalha o processo criterioso de cadastramento dos beneficiários da campanha, bem como os critérios adotados para a seleção dos contemplados. Esse relato tem o propósito de conferir legitimidade e dar o ar de transparência à ação solidária, evidenciando a

preocupação em demonstrar que a iniciativa foi pautada por princípios éticos, de justiça social e responsabilidade institucional.

## **Algumas considerações**

As enchentes que atingiram o estado do Rio Grande do Sul entre abril e maio de 2024 deixaram marcas inapagáveis em estruturas, nas relações e, especialmente, nas instituições educativas. Ao lançar nosso olhar sobre os registros audiovisuais produzidos nesse contexto de catástrofe, propomos entender como esse recurso pode operar para a preservação de uma memória e para a construção de uma identidade das instituições escolares, dinamizando práticas para uma educação baseada em valores de solidariedade e coletividade. A partir da análise dos documentos em audiovisual publicados em redes sociais, particularmente aqueles produzidos pelo Colégio Farroupilha de Porto Alegre, o estudo evidenciou uma espécie de força simbólica, amplificada por meio da linguagem em audiovisual, demonstrando o potencial educativo e de consolidação de uma identidade institucional.

Nesse contexto, o audiovisual assume um papel que transcende o de documento histórico, constituindo-se em um portador de mensagens que não possuem uma interpretação fixada em um tempo, mas que acionam as memórias e as experiências de diferentes tempos e encontram na subjetividade de cada espectador uma construção de sentido, especialmente para aqueles que não viveram os acontecimentos narrados. Compreendeu-se que há uma intenção com a produção do filme, como há na elaboração de outros documentos escritos, como há nas escolhas das memórias que são contadas por entrevistados na História Oral. Os vídeos não apenas registraram uma ocorrência na história dessa instituição, mas ajudam a rememorar a experiência vivida por toda a comunidade escolar, mobilizando afetos, valores e expectativas presentes em uma memória coletiva que é acionada pelas lembranças do outro.

Esses registros em audiovisual das ações que visavam fortalecer os valores de solidariedade no interior da escola contribuíram, ainda, para instaurar o sentimento de pertencimento, um pertencer dos agentes da escola (professores, profissionais, alunos, pais, etc) à comunidade escolar; um pertencer de uma comunidade escolar

em um cenário muito maior, o do povo gaúcho. As ações solidárias registradas, as falas que por vezes são proferidas com um tom emotivo, o exemplo de mobilização coletiva a partir de práticas que são ressignificadas dentro do espaço escolar, todas essas escolhas que compõem o material em audiovisual visam inspirar, projetar exemplos para valorizar os envolvidos, a instituição e esse excerto de sua história, mas também podem colaborar, pelo potencial educativo, por inspirarem transformações, práticas semelhantes e a revitalização desse sentimento solidário entre essa comunidade escolar e/ou entre outras que possam ser mobilizadas pela narrativa.

Destacamos que apesar dessas produções terem sido pensadas e tecnicamente produzidas para que seu enredo contasse uma versão da história da Instituição que condecorasse os envolvidos e a atuação da escola nesse momento de crise, ao olharmos para os audiovisuais como documentos, entendemos que as práticas solidárias apresentadas no decorrer do filme, indicam que aconteceu um processo formativo não planejado, mas que foi significativamente apropriado por toda uma comunidade escolar, por um sentimento que precipitou-se sobre a população do Rio Grande do Sul, o de solidariedade.

Foi uma aprendizagem por meio da experiência, proveniente da urgência, na qual os sujeitos se reconfiguram e reconstroem seus papéis dentro da comunidade educativa. A escola, nesse processo, é um espaço para a formação cidadã, desempenhando a função de educar integralmente; também assume o papel de acolher, de cuidado e agente da cidadania, humanizando as relações, diminuindo as distâncias e integrando-se às demandas sociais. A imagem do Colégio Farroupilha como centro de arrecadação e distribuição de donativos, mobilizando alunos, ex-alunos, famílias e profissionais, constrói e consolida uma identidade institucional centrada na empatia, no compromisso social e no engajamento.

Os depoimentos extraídos dos vídeos revelam os sentimentos implicados em práticas que ganham um significado dentro do ambiente escolar: choque, tristeza, esperança, orgulho, gratidão, empatia. São elementos emocionais que passam a compor a história holística das Instituições e que pelo registro em audiovisual podem ser acessados a qualquer tempo, ressignificados. A valorização dos afetos, das histórias pessoais e dos vínculos aproxima o fazer educativo de uma pedagogia em

que os sujeitos são estimulados não apenas a “apreensão racional de conceitos, mas também um envolvimento afetivo com a situação vivenciada” uma experiência educativa na dimensão escolar e também política e comunitária (Assmann; Mo Sung, 2000, p. 71).

Outro ponto relevante que emerge da análise é o modo como as imagens podem potencializar as memórias das ações desenvolvidas, pela escolha de depoentes, na construção da trilha sonora, na edição do filme, uma intencionalidade expressa nas falas, evidenciada no cuidado estético e, também, no ético, tudo isso contribuiu para a constituição de uma memória sensível e inspiradora.

A catástrofe escancarou as desigualdades e fragilidades sociais, evidenciou a dor, mas também revelou uma potência educativa na resposta das instituições escolares — particularmente nas ações que extrapolaram o currículo e mobilizaram valores de cidadania, solidariedade, responsabilidade e coletividade. A análise sugere que, mesmo em um contexto que não é o de vulnerabilidade social, ao contrário disso, como é o caso da comunidade do Colégio Farroupilha, há uma legitimidade nas ações porque estão pautadas por um compromisso com o bem comum e cuidado coletivo.

O estudo, talvez, ainda possa ser significativo para visibilizar a necessidade de uma ampliação de políticas para uma educação ambiental como forma de prevenção de futuras crises climáticas, bem como, de planos das instituições educativas para um educar fundado na solidariedade, em uma corresponsabilidade, valorizando práticas que permitem experiências escolares como as vividas no período da enchente.

Ainda, no que se refere ao audiovisual, além de documentar, esses recursos podem ser utilizados em ações educativas na prática em sala de aula. Rememorando a experiência vivida para uma ressignificação de valores; em projetos pedagógicos interdisciplinares e em ações de sensibilização dos agentes escolares sobre o papel da escola na sociedade.

Por fim, este estudo reforça a importância da narrativa, das muitas vozes que compõem o cotidiano escolar. O audiovisual constituiu-se em um importante meio para preservar; e, as redes sociais, para amplificar e transportar pelo tempo essas lembranças, para que possam ser constantemente revisitadas, ressignificadas e para que impulsionem uma educação que dê subsídios para a construção de um futuro

mais solidário. O audiovisual, nesse cenário, não é apenas um recurso para coletar o testemunho, mas um meio dessas comunidades escolares repensarem o seu papel para uma sociedade do futuro.

## **Referências**

ASSMANN, Hugo; SUNG, Jung Mo. **Competência e Sensibilidade Solidária: educar para a esperança.** São Paulo: Editora Vozes, 2000, 331pp.

A força que vem da comunidade. **A Catástrofe que marcou a história do Rio Grande do Sul: memórias do heroísmo da Brigada Militar e aliados na proteção da sociedade gaúcha.** Rio Grande do Sul – Brigada Militar: Departamento de Ensino. 2024.

Atlas Socioeconômico Rio Grande do Sul. Apresentação. (2022). Disponível em: <https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/caracteristicas-gerais#:~:text=Com%20uma%20população%20de%2010.882,povos%20indígenas%2C%20negros%20e%20europeus>. Acesso em: 31 de março de 2025.

BRENNER, Ana Karina; CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. A escuta de imagens na pesquisa narrativa com jovens. **Educação e Pesquisa**, v. 50, e274022, São Paulo.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade.** Tradução: Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011, 219p.

ENCHENTES no RS: mais de 76 mil pessoas estão em abrigos; 155 mortes e 94 desaparecidos. **Revista Exame.** Redação. 19 de maio de 2024.

ESCOLANO BENITO, Augustín. Etnohistória e cultura material da escola: A educação nas exposições universais. In: SILVA, Vera Lucia Gaspar; SOUZA, Gizele de; CASTRO, César Augusto (Org.). **Cultura Material Escolar em perspectiva histórica: escritas e possibilidades.** Vitória: EDUFES, 2018.

FONSECA, Eliana Lima et al. **Nota Técnica – Os impactos do evento climático de maio de 2024 sobre a cobertura e o uso da terra no Rio Grande do Sul.** MapBiomas, 2024. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnibpcajpcglclefindmkaj/https://brasil.mapbiomas.org/wp-content/uploads/sites/4/2024/06/NT\_Evento\_climatico\_extremo\_RS\_maio\_2024\_Final.pptx.pdf. Acesso em: 17 de janeiro de 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Instagram Sinep RS. **Além das Águas.** 6 de dezembro de 2024. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DDM4xkPOE7i/>. Acesso em: 1 de março de 2025.

Maia, Marta Regina; Andrade, Aandriza Teodolino. A memória coletiva ressignificada por meio das narrativas audiovisuais. **Revista Extraprensa**, 9(2), 4 17. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/extraprensa2016.115607>. Acesso em 31 de março de 2025.

PERES, Andréia. O impacto da tragédia do Rio Grande do Sul para crianças e adolescentes. **Veja.** 15 de maio de 2024. Disponível em:

<https://veja.abril.com.br/coluna/balanco-social/o-impacto-da-tragedia-do-rio-grande-do-sul-para-criancas-e-adolescentes/>. Acesso em: 27 de março de 2025.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, a. 10, 1992, p. 200-212. Disponível em: Acesso em 31 de março de 2025.

Queiroz, Lucas. **Tudo que você podia ser – Uma história de Escola Periférica Pós Enchente**. 13 de outubro de 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=omrlfp1wQy8>. Acesso em 1 de março de 2025.

RODRIGUES, João Alberto. In: VELLEDA, Luciano. **Educação Pública no pós-tragédia: O abismo que se aprofundou na pandemia, as enchentes vão ampliar**. Brasil de Fato. 10 de junho de 2024. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/06/10/educacao-publica-no-pos-tragedia-o-abismo-que-se-aprofundou-na-pandemia-as-enchentes-vao-ampliar/>. Acesso em: 31 de março de 2025.

SMIT, Johanna Wilhelmina. Qual memória o audiovisual preserva? In: MANINI, M. P.; OLIVEIRA, E. B.; GOMES, A. L. A. **Imagen, informação e memória**. Marília: Oficina Universitária, 2022, p. 43-52.

SOUZA, Rosa Fátima de. História da Cultura Material Escolar: Um balanço inicial. In: BENCOSTA, Marcus Levy (Org.). **Culturas Escolares, Saberes e Práticas Educativas: itinerários Históricos**. São Paulo: Cortez, 2007.

Sou Farroupilha. Documentário **Enchente de 2024: Uma lição de solidariedade. 4 de dezembro de 2024**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fNen-phrL9s&t=1056s>. Acesso em 01 de março de 2025.

Sou Farroupilha. **Campanha farroupilha Ajuda**. 20 de dezembro de 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nX47hbNxLA4&t=5s>. Acesso em 01 de março de 2025.

Torres, Carlos Alberto. **Fundamentos Teóricos e Empíricos da Educação para a Cidadania Global**. Trad. de Luis Marcos Sander. Caxias do Sul: EDUCS, 2023.

Unilasalle. **Alimentação no Abrigo – Enchente RS**. 7 de junho de 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kSxOXP99HBo>. Acesso em 01 de março de 2025.

**Recebido em Abril de 2025**  
**Aprovado em Abril de 2025**